



**“A Dona da Rua (...)”: *transcrevendo* o projeto de pesquisa de Satine (Rodrigues Borges) junto ao PPGAnt/UFGD**

**Introdução à *transcrição***

Satine Rodrigues Borges (*in memoriam*)

Profx. Drx. Simone Becker (UFGD e CNPq<sup>1</sup>)

Profa. Dra. Lauriene Seraguza (FAIND/UFGD<sup>2</sup>)

Yuri Tomaz dos Santos (PPGAnt/UFGD e CAPES<sup>3</sup>)

A decisão de veicular o projeto de pesquisa de Satine Rodrigues Borges submetido ao edital de 2010-2011 da FUNDECT/MS<sup>4</sup>, a fim de ser desenvolvido ao largo dos anos de 2012 e 2013, junto ao mestrado acadêmico em Antropologia da UFGD<sup>5</sup> – o PPGAnt, e sob a orientação de Simone Becker, se deu no “apagar das luzes”.

O dossiê "Memórias e Práticas {Sociais} de Resistências" já estava em vias de se findar, quando o projeto de Satine saltou em meio às revisões de arquivos do “google drive” que Simone estava a fazer. Assim, rimando Memórias e Práticas Sociais de Resistências à vida em potência que pulsa em cada uma das pessoas que com Satine conviveram, ao lembrarmos dela. E àquelas tocadas a partir de suas memórias.

Para compor esta singela apresentação, o trio de autoria se fez pelo acaso dos bons encontros. Nas tessituras da editoração do dossiê em vias de finalização, Simone, ao se encontrar com o arquivo “Projeto Satine e Simone Fundect 2010-2011”, o encaminhou à Yuri que, além de editorx também da Revista Ñanduty, se dedica como mestrando do PPGAnt/UFGD à temática da (trans)sexualidade e algumas outras das reflexões teórico-metodológicas empreendidas por Satine. Portanto, a intenção era a de submeter os escritos de Satine às afetações de Yuri, no que tanto afetar (Favret-Saada, 2005) nos produz e produz o que reverberamos desde dentro da universidade, sobretudo quando a exclusão (tão plural e

---

<sup>1</sup> simonebecker@ufgd.edu.br

<sup>2</sup> seraguzza@gmail.com

<sup>3</sup> yuri.tomaz90@gmail.com

<sup>4</sup> Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul.

<sup>5</sup> Universidade Federal da Grande Dourados, a UFGD localizada na cidade de Dourados, sul do estado de Mato Grosso do Sul.



profunda) é a tônica que se impõe sobre os corpos-almas dissidentes das normas impostas pelos discursos dominantes.

O recente reencontro presencial pelo “acaso” entre Simone e Lauriene, em que o passado na UFGD foi por elas lembrado em pleno corredor de um supermercado douradense, despertou esse possível<sup>6</sup>.

O PPGAnt teve sua primeira seleção para o mestrado no final de 2010. Satine e Lauriene compuseram, com outrxs discentes, essa pioneira turma que, em sua maioria, defendeu a dissertação em 2013<sup>7</sup>. Viver a travessia desse luto pela morte inesperada e precoce de Satine, em meados do primeiro semestre de 2013, foi e é difícil. Lauriene assim enuncia em sua dissertação:

Agradeço a Satine Rodrigues Borges (*in memoriam*), presente em minha vida desde que me mudei para o MS, primeiro minha veterana no curso de Letras, depois, minha companheira no mestrado em Antropologia e sempre minha amiga. Estivemos juntas no começo, no meio, mas no ritual do fim, infelizmente, sua ausência foi devastadora. Haverá saudades para todo o sempre (Seraguza, 2013: v).

Esperançamos que o ano de 2023, com a saída da chefia de Estado do genocida Jair Bolsonaro, nos acalente com levezas tanto quanto há durezas na caminhada do viver que se faz em luta, do estar na batalha com àquelxs que compõem seu fronte, em regra, tão desumanizador.

Com efeito, o resgate em “transcrição” do projeto de Sasá conflui para os intentos do dossiê, tanto quanto para o tom de denúncia às práticas necrobiopolíticas (Bento, 2019; 2020; 2020b), que seguem matando vivências que ousam sair das “jaulas” (Preciado, 2022) – as quais ora nos criminalizam, ora nos patologizam, ora nos lincham...ora nos matam, quase nunca (n)os fazem viver.

A transcrição do projeto de pesquisa de Satine possibilita reproduzir material didático-pedagógico que nos faz perceber tanto a importância das discussões por ela suscitadas (e tão presentes no contexto atual, como as sociabilidades de pessoas travestis em Dourados/MS e

---

<sup>6</sup> Em 2015 Simone e Lauriene já haviam escrito juntas o verbete “Transgênero” para o dicionário crítico de gênero, organizados por Ana Maria Colling e Losandro Antronio Tedeschi (Becker e Seraguza, 2019).

<sup>7</sup> Incluindo Lauriene (Seraguza, 2013) que recentemente defendeu sua tese intitulada as “Donas do fogo – política e parentesco nos mundos guarani” (Seraguza, 2022), junto ao PPGAS/USP - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo.



as violências a elas direcionadas); quanto nos faz rememorar o início das atividades do PPGAnt e da própria revista a ele ligada, a Ñanduty<sup>8</sup>.

Em 2022, no ano dois da pandemia covidiana, a revista Ñanduty completou o ciclo de dez anos de existência, resistência e re-existência. Uma década de publicações transbordantes nas tantas relações { sociais } por ela e através dela (com)fiadas.

Satine aliou a maestria do domínio da linguagem acadêmica à militância na Joaquim (A Joaquim, 2011), em meio às conversas com suas amigas de rua que também eram de casa, ou mesmo quando Satine corrigia atos de transfobia, homofobia, racismo, saídos da boca de ou incorporados por quem quer que fosse(m), aonde fosse...

Satine em suas “observações participantes” nos convidava a des-re-pensar sobre como nomear a rua Joaquim (Teixeira Alves) era subversivo. Território reconhecido como da prostituição, sobretudo, de travestis, com o prenome ligado ao masculino “Joaquim”, “a Rua” (substantivo feminino) o antecedia como prefixo. Não só. Era uma refinada ironia, porque se fazia chacota da heterocisnormatividade a quem se reverencia quando o Estado atribui nome de rua a Joaquim Teixeira Alves. Como se travesti fosse ou *como* (também de comer) se desejasse.

A militância reverberada por Satine era e é única. Generosa em quaisquer destes espaços, com destaque onde a circulação de poderes é intensa e tensa porque (re)produtora de saberes com condão de instituir verdades que nos subjetivam e nos fissuram, sob distintas intensidades, diariamente.

As (trans)femenagens à Satine só se somam, desde que sua presença de corpo-alma se desviveu, como àquelas da criação da “Casa Satine” ou da “Biblioteca Satine” no Laboratório de Antropologia (o LA do PPGAnt). Graduada em letras pela UFMS<sup>9</sup>, onde em uma disciplina de estudos culturais, lendo, p.ex., Guacira Lopes Louro e Judith Butler, ela Satine à

---

<sup>8</sup> No site da revista Ñanduty sua nomeação é explicada. Segue destacável excerto:

Comumente a palavra é usada no sentido de “teia de aranha”, tanto no Paraguai quanto em entre os Guarani e Kaiowa que vivem em Mato Grosso do Sul. Entre a população paraguaia, por exemplo, o vocábulo também é empregado para designar uma renda fina e típica do artesanato regional (cultura material), cujo formato colorido lembra uma teia de aranha. Também é empregada no sentido de grande rede de relações sociais, motivo principal pelo qual a palavra foi escolhida como nome da revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFGD. Por isso entre a expressão “www” (World Wide Web), muito comum na linguagem da Internet, é denominada Ñanduty Rogue Guasu naquele país vizinho (Ñanduty, 2023: s/p).

<sup>9</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.



la Preciado (2022<sup>10</sup>) enunciava que se despatologizava, aos poucos e com intensidade, em sua travessia de transição. Felizmente, Sasá sabia que despatologizava a muitxs que com ela teceram vida viva e pulsante, no cotidiano da vida real, em solos sangrentos de Dourados. Uma das trincheiras que mortifica quem ousa desafiar as ordens do racismo, do capitalismo neoliberal e do heterocispatriarcado.

## Referências

A JOAQUIM. Direção: Gracia Lee. Produção: Hisadora Beatriz Gonçalves Lemes. Edição: Gracia Lee. Imagens: Gracia Lee e Hisadora Beatriz Gonçalves Lemes. Colaboradorxs: Rarini Stefanelli e Vanessa Stefanelli. Supervisão: Simone Becker. Dourados: Faculdade de Direito e Relações Internacionais (FADIR/UFGD), 2011. 17 min, son., color.

BECKER, Simone; SERAGUZA, Lauriene. Transgênero. In: Dicionário crítico de gênero. Orgs. Ana Maria Collins e Losandro A Tedeschi; prefácio de Michelle Perrot. 2ª edição. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2019, p. 712-714.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? Cadernos Pagu, Campinas, n. 53, 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332018000200405&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200405&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Disponível em: O lado feminino de Bolsonaro: os memes como sintoma. <<https://noticias.unb.br/artigos-main/4258-o-lado-feminino-de-bolsonaro-os-memes-como-sintoma>>. Acesso em: abr. 2020.

\_\_\_\_\_. Brasil: país do transfeminicídio. Centro Latino-americado em sexualidade e direitos humanos (CLAM), 2014. Disponível em: <[http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio\\_Berenice\\_Bento.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf)>. Acesso em: jul. 2020b.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. Ser afetado. Cadernos De Campo, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>>. Acesso em: jul. 2020.

ÑANDUTY. Revista Ñanduty do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFGD, Dourados. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/about>. Acesso em; 17jan de 2023.

---

<sup>10</sup> Em seu livro “Eu sou o monstro que vos fala”, dedicado à Judith Butler, Paul Preciado explicita o quão ler as obras da filósofa, bem como de outras intelectualidades, o ensinaram “a ver a beleza para além da lei do gênero” (Preciado, 2022: 20).



PRECIADO, Paul B. “Eu sou o monstro que vos fala”. RJ: Zahar, 2022.

SERAGUZA, Lauriene Olegário. Cosmos, corpos e mulheres kaiowá e guarani: de Aña a Kunã. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados/MS, 2013.

\_\_\_\_\_. Donas do Fogo – política e parentesco nos mundos guarani. Tese defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. São Paulo: PPGAS/USP, 2022.



**A**

**Transcrição**



Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino,  
Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul

**A DONA DA RUA: PROSTITUIÇÃO E CAFETINAGEM NO  
COTIDIANO DE TRAVESTIS EM DOURADOS – MS.**

*Chamada FUNDECT N° 23/2010 – POSGRAD – Mestrado*

**Satine Rodrigues Borges**

**Simone Becker**

Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Universidade Federal da Grande Dourados

DIVERSO - Grupo de Pesquisa sobre Justiça, Multiculturalismo e Sociedade

2011

Dourados-MS





## 1. QUALIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA A SER ABORDADO

---

Pensar as recentes mudanças e transformações nos paradigmas sociais, que possibilitaram aos jovens reivindicar o seu direito à diferença, faz parte de um processo histórico de anos de luta dos movimentos sociais, em suas várias vertentes, engajado no combate às diversas formas de discriminação e em favor da liberdade não apenas de escolha, mas também de expressão. Assim, neste novo contexto, como forma de afirmação e reconhecimento de suas identidades, cada vez mais cedo, jovens iniciam seus processos de transformação em travestis.

Para dar início às inquietações desta proposta de pesquisa, preciso voltar a 2005, ano em que fui procurada por um jovem que mal havia saído do período da infância e estava decidido a tornar-se travesti, buscando então ajuda no seu processo de transformação. Mesmo com a pouca idade, já fazia programas na rua há algum tempo, e era constantemente confundido com “menina”.

Alguns anos depois, mais precisamente em 2010, envolvida em um projeto sobre travestis, financiado pelo *CNPq* e coordenado pelo *Grupo Margens* da UFSC, em parceria com três universidades federais (UFGD, UFJF, UFPE), para a criação de um material audiovisual, iniciamos o trabalho de campo, que veio a culminar nas intenções deste projeto.

Através da pesquisa de campo, ao ter acesso à casa de uma das cafetinas de Dourados, tive contato com outro jovem, também recém-saído da infância, vindo do município de Itaporã-MS e já encaminhado no processo de transformação. Fui levada a refletir, no intervalo entre esses dois encontros, sobre os processos de exclusão e sobre as condições precárias de moradia, de trabalho e de acesso à educação aos quais estão submetidas as travestis, com ênfase nos fatores que sujeitam grande parte deste grupo à prática da prostituição.

Vários autores (PELÚCIO, 2009; KULICK, 2008, SILVA, 2007, BENEDETTI, 2005 e DENIZART, 1997) já se debruçaram sobre a temática da travestilidade, identificando e documentando, em sua maioria, como se dá o processo de mudança identitária de jovens do sexo masculino em travestis. Buscarei aqui avançar nessas discussões para além da descrição das mudanças e das técnicas corporais tentando entender o cotidiano deste grupo, em especial como as atividades da prostituição e da cafetinagem afetam a subjetividade desses jovens, favorecendo um cenário de exploração que pode culminar em situações de risco e vulnerabilidade.

Assim, a presente pesquisa se justifica não apenas por objetivar compreender o processo de mudança corporal que se imbrica ao processo de formação de suas identidades, mas sobretudo identificar e refletir sobre os processos de marginalização e estigmatização (GOFFMAN, 1988) que porventura produzam sobre elas violências físicas e/ou simbólicas (BOURDIEU, 2007).

## 2. OBJETIVOS

### 2.1. Objetivo Geral

Esta proposta de pesquisa tem como objetivo principal a compreensão do universo das travestis em suas relações cotidianas. Serão problematizados os processos que conduzem grande parte desse grupo à atividade da prostituição, a qual se inscreve num contexto de subordinação à figura da cafetina, que talvez



possa ser compreendida como representando a ausência do Estado. Esse processo, naturalmente, na medida em que reduz o grupo à condição de figuras abjetas e inumanas, coloca-o também numa situação de risco e vulnerabilidade, limitando grandemente suas expectativas sociais.

## 2.2. Objetivos Específicos

- ✓ Elaborar uma caracterização socioeconômica e familiar deste grupo de travestis em situação de prostituição com relação a: faixa etária, grupo étnico, escolaridade, e ainda verificar seu conhecimento referente a práticas de saúde, prevenção e sexualidade;
- ✓ Compreender as condições que levam grande parte das travestis à atividade da prostituição como única forma de sustento;
- ✓ Analisar a prática da cafetinagem (e a figura da cafetina) nesse universo específico, estabelecendo seus prós e contras;
- ✓ Examinar os mecanismos de resistência constituídos pelas travestis em suas práticas cotidianas.

## 3. REVISÃO DA LITERATURA

---

Pude observar, em minha trajetória de pesquisa, que essencialmente em grandes centros as travestis mais novas (adolescentes) são iniciadas nessa “prática” pelas “mães” mais conhecidas como “cafetinas”<sup>1</sup>. É essa figura, geralmente mais velha e de posse de um determinado “espaço” na rua – “dona da rua” –, que comanda as atividades de prostituição das travestis na cidade. Qualquer travesti que queira permanecer nesses espaços de prostituição “deve rua” para a cafetina, sendo obrigada a pagar uma “taxa” para permanecer naquele local.

Outro espaço dominado pela cafetina é a “casa”, local de socialização em que se aglomeram as travestis locais e regionais. Na casa, as travestis “moram” dividindo quarto, banheiro e recebendo alimentação, pagando por isso, “diárias”, uma taxa diária ou semanal devida à cafetina pelas despesas na casa. A “rua” e a “diária” costumam ser cobradas juntas, uma vez que a mesma cafetina domina ambos os espaços.

Em troca do pagamento, a cafetina oferece livre trânsito na “rua”, dentro de seu espaço pré-determinado e também proteção, não apenas contra malandros ou bandidos, mas também contra as travestis que ocupam outros espaços, controlados por outra(s) cafetina(s). Também é papel da cafetina impor ordem entre suas “filhas” que recebem punições caso não sigam determinadas regras de conduta, tanto no espaço da casa quanto nos espaços onde acontece a prática da prostituição. Em alguns casos, a cafetina também faz o intermédio com a polícia, caso exista alguma ocorrência ou reclamação (BENEDETTI, 2005). Vê-se, então, que possivelmente a dualidade – tão bem estudada por Roberto da Matta (1997) – entre a “casa” e a “rua” aqui pode apresentar linhas não tão tênues na separação de seus limites.

---

<sup>1</sup> Apesar das travestis reconhecerem que se trata de uma cafetina, pela especificidade da relação em que também existe um vínculo afetivo, elas acabam se referindo à cafetina como “mãe”.





Ainda pensando no espaço da “casa”, misturam-se nele as travestis já consolidadas e outras ainda novatas. Assim, este acaba por se tornar um local de trocas simbólicas (MAUSS, 2003) e de sociabilidade, onde as mais novas aprendem com as mais experientes o “ofício” da prostituição e ainda compartilham técnicas para a produção e transformação de seus corpos, havendo constante troca e/ou empréstimo de roupas, perucas, sapatos e maquiagem.

A “rua” não significa apenas um espaço de trabalho ou “batalha” para as travestis, mas antes de tudo o seu maior espaço de sociabilidade. É na “rua” que esse grupo específico vai cunhar/modelar a sua identidade, aprender seu “ofício” e talvez seja isto o mais importante: é na rua que a travesti vai descobrir o significado de pertencer a um grupo específico no qual de fato encontra seus semelhantes.

Um jovem gay pode conhecer outros gays na escola, no cinema, na academia, na vizinhança, mas se esse mesmo jovem gay decidir se tornar travesti<sup>2</sup> a “rua” vai ser não apenas o primeiro, mas talvez o único local onde esse jovem manterá contato com o referido grupo. O espaço seguinte para esse mesmo jovem, após o primeiro contato, seria a “casa” que assim como a “rua” é administrada/gerenciada por uma “mãe” ou “cafetina”.

Na maioria das vezes, quando um jovem decide se tornar travesti, o primeiro local em que encontra resistências é a própria família, onde a primeira atitude a ser tomada provavelmente consistirá em expulsá-lo de casa, caracterizando assim o início de um processo contínuo de violência (física e simbólica), de violação de direitos e de vulnerabilização.

A violência sofrida dentro de casa, nas suas diferentes expressões, o rompimento (temporário ou duradouro) dos vínculos familiares significativos em uma idade precoce e a saída de seus lares, encaminhando esses jovens para a rua, são fatores essenciais para se compreender o início do processo desencadeador no envolvimento das travestis com o universo da prostituição/exploração.

Segundo Libório (2005), essa violência estrutural deve ser entendida como a violência inerente à própria forma de organização socioeconômica e política de uma determinada sociedade, podendo ser caracterizada pela existência de um sistema social desigual produtor de exclusão social. A violência interpessoal que estão submetidas as travestis se concretiza no interior das relações mais diretas e pode ser de caráter intra e extra-familiar. Tal forma de violência responde mais diretamente pelo processo de vulnerabilização, expondo-as a contextos destituídos de proteção, mesmo às suas necessidades mais elementares. Essa realidade pode ser compreendida como potencializadora de um processo de desamparo social, afetivo e material que, progressivamente pode se configurar como uma situação de risco social.

Existe uma relação entre risco e vulnerabilidade que também justifica a presente pesquisa. A vulnerabilidade opera somente quando o risco está presente, ou seja, a exposição aos grandes fatores de risco pode promover o processo de vulnerabilidade impedindo que este grupo responda satisfatoriamente frente às adversidades da vida (IDEM, 2005). Somado a estes dois vetores ou categorias, existem os processos de resistência (FOUCAULT,

<sup>2</sup> Esses seres “abjetos” (BUTLER, 2003), “ambíguos” (DOUGLAS, 1991) e “inumanos” (BECKER, 2008a) que encontramos apenas na noite e em locais de prostituição.



2001), por meio dos quais as travestis afirmam suas identidades, ou ainda, em termos *foucaultianos* poderia ser dito que de assujeitadas (IDEM, p.217) elas entram na cena enquanto sujeitas. Assim, é possível citar alguns exemplos, tais como pequenos furtos, chantagens e escândalos com os clientes, até mesmo envolvimento com diversos tipos de drogas ilícitas. Saliento que eventos isolados não devem ser entendidos como risco, uma vez que tanto o risco como a vulnerabilidade são fenômenos sociais eminentemente relacionais.

A exposição, desde muito cedo, a essas situações de risco, como por exemplo, a expulsão de casa pela família quando decidem se tornar travestis pode levar à prática da prostituição como única forma de sustento, gerando assim uma condição de vulnerabilidade. Então, como se percebe, há nessa pesquisa uma intenção essencial de entender por que a prática da prostituição é tão comum e corriqueira no universo das travestis, e a conseqüente não aceitação de suas identidades por grande parte da sociedade acaba relegando as travestis às atividades consideradas marginais ou com representação social negativas. Elas podem ser o que quiserem, podem afirmar suas identidades, desde que não ocupem espaços legítimos e/ou reconhecidos socialmente.

Então, uma vez sem lar a residência da cafetina torna-se o primeiro local coletivo depois da “rua” ao qual esse jovem passa a pertencer. É tanto na “rua” quanto na “casa” que vão se dar esses primeiros momentos de sociabilidade e aprendizagem do “ofício” nessa jornada em “tornar-se” travesti (DENIZART, 1997).

Dentro dessa realidade, segundo observa Benedetti (2000) o termo “prostituição” passa de substantivo a adjetivo, agregando à identidade da travesti que se prostitui uma condição de imoralidade e estigmatização social. Aqui, a atividade da prostituição efetuada pela travesti se diferencia da efetuada por mulheres, assim como nos mostra Moraes (1995): uma prostituta não é prostituta o tempo inteiro, ao contrário da travesti que enfrenta um processo compulsório de estigmatização social nas atividades mais corriqueiras de seu cotidiano.

No entanto, considerar o grupo estudado apenas como vítima é reduzir a problemática da prostituição a uma análise parcial. Leal (1999) demonstra preocupação com o uso do termo “vítima”, sob o risco de se reforçar a ideologia patriarcal e machista, atribuindo valor e individualizando a relação explorador-explorado, eximindo a responsabilidade do Estado e da sociedade no enfrentamento social desta problemática. Polarizando os papéis de vítima e agressor, arrisca-se desvincular os significados em relação aos contextos compartilhados, vividos por sujeitos sociais envolvidos nesse processo.

Além disso, na medida em que se retira do contexto de análise a possibilidade de participação do grupo como sujeitas, anula-se seu poder de ação, reduzindo-as à passividade da vitimização. Neste sentido, o termo “vitimizadas”, como nos mostra Faleiros (1998) nos remete à importância de reconhecermos que, apesar das chances de opção e de liberdade de escolha estar diminuídas para as travestis nessas condições, não devemos anular o seu poder decisório.

Para Libório (2005) por mais dificuldades que possam existir na reelaboração de seus projetos de vida, em algum nível sempre haverá condições de mobilizar e expressar sua força interior, enquanto sujeitas de direitos e desejos. Eticamente, essas sujeitas não deveriam ser reduzidas à condição de





vítimas. Tratar esse grupo social, já tão discriminado e alijado, apenas como vítima supõe uma análise parcial e equivocada do fenômeno.

As travestis, mesmo em situações de vulnerabilidade, ainda têm autonomia em relação aos seus corpos. Apesar de estarem na rua, são dotadas de vontades e escolhas, sendo elas que impõem os limites e os termos da interação/negociação com os clientes (PASINI, 2000). Portanto, analisar a prática da prostituição requer um olhar cuidadoso e um debate em que a sociedade enfrente a questão como uma atividade, uma prática social. Assim, essa proposta de investigação se justifica e se baseia teoricamente na busca de diminuir o abismo existente entre universidade e travestis, uma vez que a compreensão das exclusões e violências por elas sofridas passa pelo entendimento de suas relações mais cotidianas. Acredito que as reflexões resultantes da presente pesquisa poderão impulsionar iniciativas de inclusão das travestis em outros espaços, além dos da prostituição, gerando mecanismos para a reflexão de sua condição social e incentivando o fortalecimento de suas identidades.

#### 4. METODOLOGIA

---

Na introdução do livro *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* (1999), Maria Luiza Heilborn e Elaine Reis Brandão afirmam que o “olhar” antropológico caracteriza-se, em particular, por tomar de maneira mais ou menos radical a afirmativa de que os temas a serem investigados fazem sentido somente a partir da teia de significados e relações sociais que os sustentam em um determinado contexto.

Retomo aqui Clifford Geertz (1989) que no primeiro capítulo de seu livro concorda com Max Weber, segundo o qual “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (IDEM, p.15), assumindo então um conceito de cultura essencialmente semiótico, com a cultura “sendo essas teias e a sua análise”.

Assim, para efetivar a presente pesquisa, optei pelo método etnográfico como maneira de compreender o universo proposto. A escolha se justifica principalmente por acreditar que através deste método é possível “olhar”, “ouvir” e “compreender” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006) tanto as práticas como os discursos do grupo estudado. Noutras palavras, a partir desse método é possível apreender o ponto de vista e a visão de mundo dessas pessoas em seu contexto vivido.

Becker (2008b) observa que a subjetividade do antropólogo aparece já na escolha do seu objeto de estudo, destacando assim a importância da subjetividade do pesquisador na escolha do seu objeto, pois o “ofício” antropológico é permeado pela subjetividade de quem pesquisa. Brym (2006) entende que ao participar da vida dos sujeitos de sua pesquisa, é possível uma compreensão profunda dos valores, das crenças e das subjetividades destas pessoas, o que permite percebê-los mais objetivamente. Compreender essas tensões entre objetivo/subjetivo pode ser fundamental na compreensão de diversos contextos sociais.

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (2006), o lugar da pesquisa de campo no fazer da antropologia não se limita a uma técnica de coleta de dados, mas é um procedimento com implicações teóricas específicas. Se é verdade que técnica



e teoria não podem ser desvinculadas, no caso da antropologia a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada.

Assim, efetuei a observação participante dedicando tempo à participação no cotidiano das travestis, tanto no espaço privado da “casa” quanto nos espaços públicos de prostituição, a “rua”, (ambos administrados/gerenciados pela cafetina). Utilizarei o diário de campo para registro da memória e como instrumento de controle da subjetividade – ou da objetividade.

Como instrumentos de pesquisa, além da observação participante e do diário de campo que o materializa, também serão realizadas entrevistas individuais e coletivas para a coleta de dados referentes ao grupo pesquisado.

A aplicação das entrevistas será orientada por um roteiro, a ser elaborado a partir dos primeiros contatos com as entrevistadas, contemplando questões consideradas essenciais para o entendimento das principais dúvidas e problemas relativos ao cotidiano das travestis.

O trabalho de campo será dividido em duas etapas. Em primeiro lugar, após a coleta dos dados, serão realizadas as transcrições das entrevistas e o registro das observações no diário de campo referentes ao convívio com o universo pesquisado. Em segundo lugar, após a organização deste material, proponho uma análise qualitativa do fenômeno, buscando compreender os significados que as próprias travestis em situação de prostituição dão à sua experiência.

## 5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Atividade	Início	Término
- Obtenção dos créditos nas disciplinas oferecidas;	Mar/11	Dez/11
- Seleção e leitura da bibliografia pertinente ao tema;	Mar/11	Mar/12
- Pesquisa de campo (observação participante);	Mar/11	Mar/12
- Realização de entrevistas, transcrição e análise;	Ago/11	Mar/12
- Análise das informações de campo e revisão bibliográfica;	Ago/11	Mar/12
- Elaboração do material para qualificação;	Mar/12	Mai/12
- Redação final da dissertação;	Jun/12	Dez/12
- Defesa da dissertação para obtenção do título de mestre.		Mar/13

## 6. RESULTADOS ESPERADOS

A presente pesquisa pretende contribuir para o levantamento de dados referente à trajetória de vida das travestis residentes no município de Dourados e sua ligação com a rede de prostituição/cafetinagem locais. Esta realidade deve ser apresentada à sociedade, aos movimentos sociais e às próprias travestis, pois há nas análises um desvelamento de situações positivas e negativas, de conflitos e de possibilidades, nem sempre percebidas por aqueles/as que estão envolvidos/as no processo cotidianamente. Ao apresentar uma análise rigorosa e possibilitar a esses segmentos uma reflexão mais crítica e contextualizada, com certeza, há a possibilidade de se efetivar novas tentativas, cria-se o interesse em reestruturar as estratégias de resistências e construir alternativas que colaborem para o redimensionamento da trajetória de vida das travestis, com o objetivo de mudanças qualitativas, contemplando a subjetividade dos sujeitos sociais.

Diante disso, outros resultados são esperados tais como:

- ✓ Apresentação de trabalhos em eventos científicos;



- ✓ Publicação de artigos científicos em revistas e livros;
- ✓ Palestras em escolas e outros espaços sociais e/ou educativos;
- ✓ Elaboração de materiais didáticos que poderão ser utilizados nas escolas públicas do município e do estado;
- ✓ Ampliar o debate e a reflexão a respeito desta temática no interior da UFGD e em outras instituições, bem como na sociedade em geral.

## **7. IMPACTOS E BENEFÍCIOS ESPERADOS PARA MATO GROSSO DO SUL**

---

- ✓ Estudar um grupo pouco discutido dentro dos meios acadêmicos, especialmente no Mato Grosso do Sul - tido como tradicionalista.
- ✓ Empreender uma manifestação afirmativa contra a homofobia, e as recorrentes violências de gênero vigentes no estado do MS, sobretudo em relação às travestis.
- ✓ Combater a evasão escolar deste grupo e as diversas formas de discriminação.
- ✓ Colaborar no processo de formulação e de implementação de políticas públicas no município e no estado de Mato Grosso do Sul voltadas ao grupo das travestis.
- ✓ Criar espaços de visibilidade acerca das condições de violência e exclusão vividas pelas travestis juntamente com o Centro de Referência em Campo Grande.

## **8. INOVAÇÃO E PARCERIAS INSTITUCIONAIS**

---

Há que se destacar que não há estudos nas ciências humanas que tenham se voltado para a compreensão do cotidiano das travestis, sobretudo, aliando a compreensão da cafetinagem como uma condição de inclusão das jovens travestis. Motivo pelo qual, esta pesquisa dialoga com o projeto “Gênero, sexo e corpo travesti: abjeções e devires”, coordenado pela profa. Dra. Maria Juracy Filgueiras Toneli, com participação da UFGD, UFJF e UFPE, bem como, dialoga com ações de extensão vinculadas ao Centro de Referência em Campo Grande.

## **9. MOTIVOS PELA ESCOLHA DO CURSO NA INSTITUIÇÃO E PERSPECTIVAS APÓS A SUA CONCLUSÃO**

---

- ✓ A pós-graduação em Antropologia é o lócus por excelência da compreensão da diferença e da alteridade, motivo pelo qual optei pelo PPGant na UFGD.
- ✓ Contribuir para o debate e a reflexão da realidade de vida das travestis, dentro do meio acadêmico;
- ✓ Continuar a pesquisa em nível mais aprofundado no doutorado;

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

BECKER, Simone. “*Estreitando o diálogo entre Direito, Gênero e Psicanálise*”. In: Revista de Direitos e Garantias Fundamentais (p.129-154). Florianópolis: Fundação Boiteux, 2008a.





BECKER, Simone. *DORMIENTIBUS NON SOCURRIT JUS! (O DIREITO NÃO SOCORRE OS QUE DORMEM!): Um olhar antropológico sobre ritos processuais judiciais (envolvendo o pátrio poder/poder familiar) e a produção de suas verdades*. Tese de doutoramento defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, 2008b.

BENEDETTI, Marcos R. “*Hormonizada: reflexões sobre o uso de hormônios e a tecnologia do gênero entre travestis que se prostituem em Porto Alegre*”. In: BENEDETTI, Marcos R. ; FÁBREGAS-MARTÍNEZ, Ana I. (Org.). *Na Batalha: identidade, sexualidade e poder no universo da prostituição* (p. 47-62). Porto Alegre: Editora da Casa e GAPARS, 2000.

BENEDETTI, Marcos R. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRYM, Robert J. et al. *Sociologia: sua bússola para um novo mundo*. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DENIZART, Hugo. *Engenharia erótica: travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

FALEIROS, V. P. “*A violência sexual contra crianças e adolescentes e a construção de indicadores: a crítica do poder, da desigualdade e do imaginário*”. In: LEAL, Maria de Fátima P. ; CÉSAR, Maria Auxiliadora. *Indicadores de violência intra-familiar e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes* (p. 9-28). Brasília: CECRIA, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

GEERTZ, Cliford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.





HEILBORN, Maria Luiza. ; Brandão, Elaine Reis. *“Introdução: ciências sociais e sexualidade”*. HEILBORN, Maria Luiza. (Org). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2008.

LEAL, M. L. P. *A exploração sexual comercial de meninos, meninas e adolescentes na America Latina e Caribe: Relatório final, Brasil*. Brasília: CECRIA, 1999.

LIBÓRIO, Renata Maria C. *Adolescentes em situação de prostituição*. In: *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 18, n. 3, (p.413-420). São Paulo, 2005.

MACHADO, Lia Zanotta. *Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?* 2000. UnB, Departamento de Antropologia – DAN. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie284empdf>>. Acesso em 04/10/10.

MATTA, Roberto da. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

MORAES, A. F. *“Prostituição, trocas e convites na adolescência feminina pobre”*. In: BRUSCHINI, C. ; HOLLANDA, H. B. *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil* (pp.15-50). São Paulo: Rocco, 1998.

PASINI, Elisiane. *Limites simbólicos corporais na prostituição feminina*. In: *Cadernos Pagu*, v. 14, (p. 181-200). Campinas, 2000.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Anablume Editora, 2009.

SILVA, Hélio R. S. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.